

Pensar com os mitos: sobre ecologia nos boitatás de Franklin Cascaes

 /tempoeargumento

 @tempoeargumento

 @tempoeargumento

 **Maria Bernardete Ramos Flores**

Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professora do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGH-UFSC). Florianópolis, SC – BRASIL

lattes.cnpq.br/5420701895494855

mbernaramos@gmail.com

 orcid.org/0000-0002-9438-031X

 <http://dx.doi.org/10.5965/2175180314352022e0201>

Para citar este artigo:

FLORES, Maria Bernardete Ramos. Pensar com os mitos. Sobre ecologia nos boitatás de Franklin Cascaes. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 14, n. 35, e0201, jan./abr. 2022.

Recebido: 01/04/2021

Aprovado: 07/11/2021

Pensar com os mitos. Sobre ecologia nos boitatás de Franklin Cascaes¹

Resumo

Boitatá é um mito de origem tupi que protege os campos contra aqueles que os incendiam. Nas décadas de 1960 e 1970, quando a Ilha de Santa Catarina passava por um forte processo de modernização, com impacto no meio ambiente, o artista folclorista, Franklin Cascaes (1908-1983) inventou aproximadamente 30 iconografias para o boitatá no grafite ou no bico-de-pena, invocando-o a restaurar a mitosfera ilhoa. Na ficção, as figuras de boitatá assumem o papel de porta-voz do discurso ambientalista do artista e de sua visão cosmológica do mundo. A partir da abordagem da relação entre “mito” e “natureza”, o artigo tem por objetivo mostrar como Cascaes pensava por imagem, inserindo-se no debate ecológico que eclodiu à época em esfera global. Essa preocupação se foi tornando cada vez mais forte até os dias atuais, tempo do Antropoceno, quando o ser humano passa a ser um agente geológico que afeta o planeta como um todo. Como conclusão, levanta-se o alerta, com base em referências teóricas, para o risco de criarmos uma humanidade de exclusão de todas as outras possíveis e de todos os outros seres que habitam a Terra.

Palavras-chave: Franklin Cascaes; Boitatá; folclore; mito; ecologia.

To think with the myths. About ecology in the boitatás of Franklin Cascaes

Abstract

Boitatá is a myth of Tupi origin, which protects the fields against those who set them on fire. In the 1960s and 1970s, when the Santa Catarina Island is undergoing a strong modernization process, with an impact on its environment, the folk artist, Franklin Cascaes (1908-1983) invents approximately 30 iconographies for the boitatá, in graphite or pen and ink, invoking him to restore the island mythology. From the approach of the relationship between "myth" and "nature", the article aims to show how Cascaes thought through image, inserting itself in the ecological debate that erupted at the time, in the global sphere. This concern has become increasingly stronger until today, the Anthropocene period, when the human being becomes a geological agent that affects the planet as a whole. In conclusion, a warning is raised, based on theoretical references, to the risk of creating a humanity that excludes all possible others and all other beings that inhabit the Earth.

Keywords: Franklin Cascaes ; Boitatá; folklore; myth; ecology.

¹ Este artigo é resultado do Projeto de Pesquisa “Nova iconografia do Brasil. Presença do primitivo na arte moderna e contemporânea” – CNPq/Edital Universal (2019-2022). E contou com auxílio em pesquisa de Eduardo Gomes Silva, Bolsa CNPq – Auxiliar Técnico e de Talita Sauer Medeiros, colaboradora voluntária.

Introdução

Os brancos, que antigamente ignoravam essas coisas, estão agora começando a entender. É por isso que alguns deles inventaram novas palavras para proteger a floresta. Alguns dizem que são a gente da ecologia porque estão preocupados, porque sua terra está ficando cada vez mais quente. (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 480)

Figura 1 - Boitatá Monsbaichi no Paraíso Mítico da Procriação Boitatarina - 25/08/1968



Fonte: Coleção Elisabeth Pavan Cascaes. MArquE. Tombo: 681

O cenário habitado pelo *Monsbaichi* (Figura 1), que vemos na imagem acima, é o de uma paisagem mitológica. Os elementos da natureza – pedras, montículos de areia, vegetais – adquirem vida orgânica. Transformados em seres que se expressam na forma de pequenas figuras antro-fito-zoo-morfos, eles se movimentam e olham de boca aberta em direção ao majestoso e proeminente Boitatá que ocupa toda a cena. No canto inferior, à direita, Adão, Eva, o demônio e a serpente com uma maçã na boca contemplam a grande figura, lembrando que o paraíso fora perdido “pela desobediência às leis divinas” (CASCAES, 1970?, Pasta 4, folha 150) e soterrado pela ação humana. “Será o progresso, uma ignorância?” (CASCAES, 1970?., Caderno 67)².

² Da documentação manuscrita do acervo de Franklin Cascaes, fez-se uso da Coleção que integra os Cadernos pequenos e Pastas de folhas avulsas. Quando se referir aos cadernos, constará (CASCAES, Caderno nº, ano) e, quando se referir às folhas avulsas: (CASCAES, Pasta nº, folha nº,

Monsbaichi pertence à série de desenhos de boitatás do artista folclorista catarinense Joaquim Franklin Cascaes (1908-1983)³. Boitatá ou *Mboy-tatá* (cobra de fogo), na língua tupi, era um mito de origem indígena protetor dos campos, submetido à Jacy, a Lua, mãe dos vegetais, conforme uma teogonia ameríndia (MAGALHÃES, 1876, p. 138). O desenho que ganhou o nome-legenda, *Monsbaichi no Paraíso Mítico da Procriação Boitatarina*⁴, evoca a defesa do meio ambiente no bico-de-pena do artista. Crítico da ocupação predatória da Ilha de Santa Catarina, Cascaes inventou iconografias para aproximadamente 30 boitatás nas décadas 1960 e 1970, quando a Ilha passava por grandes reformas modernizadoras que atingiam não só a morfologia do centro urbano da Ilha, mas também seu ecossistema. Cascaes, com a veia do mitólogo que acompanha seu gosto folclorista, elege o mito indígena como *porta-voz* de seu discurso ecológico e realiza na arte uma aventura mítica ao desenhar uma cartografia “boitataria”. As imagens de seus boitatás, ambientados em pontos vulneráveis à exploração, aparecem como sentinelas, defensores das matas nativas, da vegetação de restingas, das praias, dunas, sambaquis e mangues.

Poderíamos caracterizar Cascaes como um mitólogo? Na acepção da filosofia dos antigos gregos, mitólogo é aquele “que compõe histórias; criador ou narrador de mitos” (MITÓLOGO, 2010, p. 185). Ou se poderia conceber Cascaes como um mitógeno? Para o antropólogo Mircea Eliade (2016, p. 128), mitógeno é o “apanágio” nas sociedades “arcaicas” de “alguns poucos indivíduos”, recitadores entre xamãs e feiticeiros que se distinguem pela capacidade mnemônica para recitar as tradições mitológicas⁵. Para os yanomamis, o xamã é aquele que tem

ano).

³ Ao final da vida, Cascaes doou seu acervo ao Museu de Antropologia e Etnologia (MARquE) da Universidade Federal de Santa Catarina, conservado na Coleção Etnográfica Elizabeth Pavan Cascaes, que leva o nome da esposa do artista. São duas categorias principais de documentos: a) a artística, composta pelas esculturas em argila e gesso e pelos desenhos em grafite e nanquim; b) a de tipologias textuais (narrações, crônicas, versos, causos, cartas, relatos, memórias pessoais, ensaios publicados na imprensa local, entrevistas, convites para exposições, textos sobre benzeduras e receitas de remédios), na qual se encontram os manuscritos: 124 cadernos escolares pequenos, 22 cadernos grandes e 476 folhas avulsas (CASTELLANO, 2011, p. 87-116). Nos últimos anos de pesquisa, Cascaes fez uso de gravações em fitas magnéticas Super-8.

⁴ *Monsbaichi* é um nome formado a partir das sílabas iniciais de três palavras: (mons)tro, (bai)tatá e (chi)fre.

⁵ A historiadora da arte, Adalice Araújo, pesquisadora que se tornou, até o momento, a principal referência nos estudos sobre Cascaes, atribuiu a ele o epíteto de “mito vivo da Ilha”. Para Araújo

o conhecimento dos espíritos da floresta, os *xapiri*, sem os quais, “[...] as plantas das roças não cresceriam, as árvores não dariam frutos e a caça ficaria magra” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 216).

Embora Cascaes fosse um reconhecido folclorista, aquele que recolhe e organiza a tradição oral, aqui, neste artigo, vamos abordá-lo mais pelo exercício do pensamento mitológico, de onde vertiam, em imagens, os saberes da sua própria experiência no sentido benjaminiano (BENJAMIN, 1987), na dupla acepção, experiência como vivência e como herança. Investido dos saberes da tradição, Cascaes cria em ficção a *mitosfera*⁶ da Ilha de Santa Catarina, povoada de entes fantásticos (bruxas, boitatás, lobisomens), sobreviventes da vida mítica da cultura ilhoa, ainda viva em meados do século XX, antes da grande abertura à modernidade da indústria do turismo, do aumento populacional com a chegada de novos moradores.

Neste artigo, vamos nos deter apenas na figura do boitatá, já que a problemática se funda na preocupação de Franklin Cascaes com a exploração da “natureza” da Ilha de Santa Catarina, que vinha pondo em risco a sua beleza geomorfológica, sua riqueza em variedades de espécies marinhas, aves e outros animais, sua vegetação peculiar de mangues e restingas, e sua mata atlântica. Ou seja, o boitatá, como ente mitológico protetor dos campos, ganha, no desenho artista, o *status* de alegoria da desolação do artista diante da destruição da “natureza” de sua amada Ilha.

Notas iniciais

Sobre o boitatá, o mito tem origem num fenômeno natural: o fogo-fátuo⁷, que se movimenta rapidamente pelo ar, criando formas espiraladas ou

(1977, p. 27), diante da dessacralização da cultura brasileira urbana, Cascaes conservava suas raízes, plantadas no mito e na magia.

⁶ Um mundo mítico, povoado de seres que estabelecem as realidades percebidas pelo povo e com as quais os humanos podem comunicar-se por meio de símbolos e rituais (PATTANAIK, 2006, p. 69).

⁷ Reação química provocada por gases que resultam da decomposição de matéria orgânica, oriunda principalmente de pântanos, cemitérios e plânctons marinhos. Os corpos em decomposição liberam metano e fosfina, gases que reagem com o oxigênio do ar formando o plasma que, em combustão, produzem uma luminosidade acompanhada de pequenos

serpenteadas, gerando uma imagem de uma figura que corre e avança na perseguição de algo à vista. A performance do fogo-fátuo, em geral, é a de um fogo que corre. Mas, sem as matas ou sem a escuridão da noite, os fogos-fátuos já não produzem o efeito luminoso da combustão: “[...] a natureza hoje está muito mais pobre [...]”, disse Cascaes (1989, p. 55). “[...] onde estão os lobisomens? Não tem mais. Hoje eles aparecem? Não. Eles não têm mais ambiente” (CASCAES, 1989, p. 54).

Dizem os narradores de estórias que estes Boitatás apareciam antigamente devido serem nossas matas ilhoas muito serradas... [...] disse-me um pescador da Barra da Lagoa da Conceição da Ilha: aqui nesta praia de Moçambique muitas noites pescadores eram atacados pelo tal fogo que vinha do Morro da Costa de Dentro da Lagoa e era conhecido como Fogo do Campo. [...] hoje em dia muito, raramente, o tal fogo aparece. As matas da Ilha estão quase todas derrubadas. (CASCAES, 1968)⁸

Diversas culturas perceberam o fogo-fátuo e o dotaram de narrativas, transformando-o num ente mitológico com vida própria, destituído da explicação enquanto um fenômeno químico. O termo *igniss fatuus*, em latim, foi utilizado para nomear características de algumas divindades que habitam as selvas, os bosques, os lagos e os rios. O conjunto destas criaturas mitológicas era chamado de *pã* ou *panes*. Dentre elas, estavam os fátuos e as fátuas. *Fatuus* ou *Fatuclus*, ou “aquele que fala”, eram divindades oraculares, dotadas de intensa ira (CAPELA, 2016, p. 135). No Brasil, o mito do boitatá aparece em todo território nacional, independente da nomenclatura adotada: Biatatá, na Bahia; Batatal, em Minas Gerais; Bitatá, em São Paulo; Jean Delafosse, em Sergipe e Alagoas; João Galafuz, em Itamaracá, e Batatão, no Nordeste; de Mboi, mboi cobra, o agente, a coisa, e tatá, fogo (CASCUDO, 1954, p.108).

O boitatá foi um dos primeiros mitos registrados no Brasil, relatado em 1560 por José de Anchieta, que “incorporou a mitologia indígena para descrever o fenômeno, que chama de baetatá, que quer dizer cousa de fogo”. No verbete *Boitatá*, do *Dicionário do Folclore Brasileiro*, publicado originalmente em 1954, Cascudo escreve: “De origem incerta, o que se via era um facho cintilante correndo daqui para ali que acomete rapidamente os índios e mata-os, como os

estrandos (BERNARDO, 2009, p. 259). Agradeço à amiga e colega Professora Sabrina Fernandes Melo (UFPB) pela indicação da bibliografia referente ao fogo-fátuo.

⁸ Texto sobre Boitatá *Monsbaichi* (1968). Coleção Elisabeth Pavan Cascaes. MARquE. Tomb. 677.

curupiras”. O boitatá é chamado de “cousa de fogo” o que significaria também dizer “que é todo de fogo” (CASCUDO, 1954, p. 108-109).

Couto de Magalhães (1876, p. 146), por sua vez, registra: “Quem viaja pelo interior das províncias de S. Paulo, Minas, Goiás e Mato Grosso ouve constantemente histórias em que o Saci-Cererê, o Boitatá, o Curupira, [...] representam importante papel na vida do homem.” Magalhães (1876, p. 136) organiza uma teogonia ameríndia: “Os deuses superiores, a quem eles atribuem ação geral [...] sobre o mundo são: o sol, a lua e Rudá, ou o Deus do amor, ou da reprodução”. Guaracy, o Sol, criou os seres vivos, incluindo aí os humanos. Jacy, a Lua, é a mãe dos vegetais. Abaixo deles, havia outros seres sobrenaturais, especialmente adstritos a certas ordens de animais. Os deuses submetidos à Lua são o Saci-Cererê, o Mboitatá, o Urutáu e o Curupira.

Mboitatá é um gênero que protege os campos contra aqueles que os incendiam; como a palavra o diz, Mboitatá é cobra-de-fogo; as tradições figuram-na como uma serpente de fogo, que de ordinário reside na água. Às vezes transforma-se em um grosso madeiro em brasa, [...] que faz morrer por combustão aquele que incendia inutilmente os campos. (MAGALHÃES, 1876, p. 138)

Sobre ecologia, “*Omama* tem sido, desde o primeiro tempo, o centro das palavras que os brancos chamam de ecologia” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p.479). Eram palavras vindas dos espíritos para defender a floresta, informa Davi Kopenawa. “Na floresta, a ecologia somos nós, os humanos. Mas são também, tanto quanto nós, os *xapiri* (os espíritos), os animais, as árvores, os rios, os peixes, o céu, a chuva, o vento e o sol! [...] tudo o que ainda não tem cerca” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p.480).

Joaquin Franklin Cascaes dedicou-se à questão do meio ambiente da Ilha de Santa Catarina, especialmente, nos anos de 1970, década em que, segundo José Augusto Pádua (20--), começou-se a falar intensamente de ecologia e de problemas ambientais em diferentes regiões do planeta: da poluição à acidentes industriais, do desmatamento à erosão de paisagens. No século XXI, percebe-se que aqueles problemas ultrapassavam as questões ambientais, logo, constata-se que se tratava do advento de uma nova era não só da história, mas da história

da geologia. Imprime-se, assim, um novo conceito, o de “Antropoceno”⁹ para designar a “nova época geológica, enfatizando o novo papel central da humanidade na geologia e na ecologia, que impacta o ‘Sistema Terra’ como um todo [...]” (PÁDUA, 2020). Para Bruno Latour (2020, p. 72), se aqueles problemas da crise ecológica, de há trinta anos, tivessem sido atacados, não estaríamos agora vivendo “a catástrofe ecológica contemporânea”.

Seria regozijante viver em tal época, se pudéssemos tão somente contemplar essa tragédia situados em uma costa distante que *não* teria *história*. Mas, a partir de agora não há mais espectador, porque não existe mais uma costa que não tenha sido mobilizada no drama da geo-história. (LATOURE, 2020, p. 72, grifo do autor)

A era do Antropoceno impacta toda a “natureza”¹⁰. Há uma profunda alteração nas relações com o mundo. Vivemos, segundo Rodrigo Turin (2019, p. 14), em um mundo atravessado por diversas temporalidades (das reivindicações identitárias, da globalização, da decolonialidade, das reparações, da aceleração das novas tecnologias, da urgência do capital financeiro, do tempo suspenso da patrimonialização) e, sobrepondo a todos esses, a dimensão climática nos coloca em um mesmo tempo. O tempo do Antropoceno não deixa ninguém de fora.

Conforme declara Ailton Krenak (2019, p. 23-24), intelectual indígena que vive em uma aldeia dentro do território atingido pelo rompimento da barragem da Samarco¹¹, “que matou o avô, o Watu” (Rio Doce), com o Antropoceno:

[...] excluimos da vida, localmente, as formas de organização que não estão integradas ao mundo da mercadoria, pondo em risco todas as outras formas de viver – pelo menos as que fomos animados a pensar como possíveis, em que havia

⁹ Agradeço à amiga e colega Cristina Scheibe Wolff, professora da UFSC, e ao amigo Ricardo Machado, professor da UFFS, por me terem indicado referências bibliográficas sobre Antropoceno.

¹⁰ Quando aqui no artigo aparece a palavra “natureza” entre aspas é como um lembrete de que se trata de uma marcação comum às duas categorias Natureza/Cultura, já que não existe uma palavra para a natureza e a cultura como a mesma coisa, como o humano para homem e mulher, concordando com as considerações dadas por Latour (2020, p. 35-36). Porém, segundo Durand (2020, p. 68), Natureza grafada com maiúscula lembra de que se trata de nome próprio de uma figura cosmológica no meio de tantas outras. É com esse sentido que “Natureza” aparece no discurso de Cascaes, sempre grafada com letra minúscula. Nesse caso, respeitamos e mantivemos a grafia do artista.

¹¹ Rompimento da barragem do Fundão, da mineradora Samarco, controlada pelas multinacionais Vale e BHP Billiton, em novembro de 2015 (KRENAK, 2019, p.25).

corresponsabilidade com os lugares onde vivemos e o respeito pelo direito à vida dos seres, e não só dessa abstração que nos permitimos constituir como uma humanidade, que exclui todas as outras e todos os outros seres. Essa humanidade que não reconhece que aquele rio que está em coma é também o nosso avô, que a montanha explorada em algum lugar da África ou da América do Sul e transformada em mercadoria em algum outro lugar é também o avô, a avó, a mãe, o irmão de alguma constelação de seres que querem continuar compartilhando a vida nesta casa comum que chamamos Terra. (KRENAK, 2019, p. 23-24)

Sobre o tempo do mito, em *O mito do eterno retorno*, Mircea Eliade (1985, p. 153-154) surpreendeu-se com a noção de tempo que encontrou nas culturas arcaicas ou primitivas. O homem das civilizações tradicionais tinha uma atitude negativa do tempo, abolindo-o periodicamente graças à repetição da cosmogonia, que o impelia a inventar fórmulas mitológicas, isto é, formas de “viver” os mitos para sair do tempo profano, cronológico, e ingressar em um tempo sagrado, simultaneamente primordial e indefinitivamente recuperável. Eliade (1979, p. 70) esclarece, em *Imagens e Símbolos*, que a noção de tempo pautada nos ciclos cósmicos – algo que na modernidade é de difícil compreensão –, nas sociedades tradicionais, servia de modelo a um grande número de ações, incluindo o plantio, a pesca, o casamento, as festas.

Essa representação simbólica do cíclico, de que tudo no cosmo nasce, morre, renasce, é forte nas sociedades primitivas, mas está presente também nas comunidades tradicionais de pequenos agricultores itinerantes, de pescadores e coletores que ainda vivem ao sabor dos ciclos naturais e num complexo calendário agrícola ou pesqueiro. Há o tempo para fazer a coivara, preparar a terra, semear, capinar e colher, como também há o tempo de se esperar as espécies de peixes migratórios, como a tainha. Uma vez terminado esse ciclo, ele recomeçará no período seguinte. Em muitas dessas comunidades, essas atividades são comandadas por sinais, como o aparecimento de uma lua determinada, da chuva etc. Esses ‘tempos’ são muitas vezes celebrados por festividades que marcam o início ou o fim de determinada safra (a colheita, por exemplo). (ELIADE, 1979, p. 70)

Sobre o tempo dos ilhéus, Darcy Ribeiro (2015, p. 18), ao caracterizar os vários perfis do Brasil (sertanejo, no Nordeste; caboclo, na Amazônia; crioulo, no litoral; caipira, no Sudeste e Centro do país e gaúcho, nas campinas sulistas, além de ítalo-brasileiro, teuto-brasileiro, nipo-brasileiro, etc.), diz que há forças

diversas na formação de uma unidade regional para além da origem étnica. As variações ecológicas, por exemplo, fazem surgir paisagens humanas onde as condições do meio ambiente obrigam a adaptações regionais. Ao referir-se ao litoral sul do Brasil, no qual se insere a Ilha de Santa Catarina, Ribeiro (2015, p. 203), vê uma derivação sulista com o perfil de matuto-açoriano semelhante ao caipira paulista. As populações transladadas dos Açores, no século XVIII, para atender ao objetivo da Coroa portuguesa no povoamento com o fim de garantir os domínios contra os espanhóis, não encontraram na nova terra o mesmo ecossistema das ilhas que deixaram no Atlântico Norte. “Fizeram-se matutos, ajustando-se a um modo de vida mais indígena que açoriano, lavrando a terra pelo sistema de coivara, plantando e comendo mandioca, milho, feijão e abóboras” (RIBEIRO, 2015, p. 313).

É preciso acrescentar que, embora, para a sobrevivência material, os moradores originários das ilhas açorianas tenham tido que se adaptar às novas práticas de cultivo e técnicas de produção, as sobrevivências culturais (catolicismo popular, costumes cotidianos, inter-relações com o Cosmo e a Natureza) enraizaram-se nas novas formas de viver. Até por volta de 1950, quando Florianópolis iniciou o ciclo de modernização dos equipamentos urbanos (o Plano de Obras do Governo; a implantação da Universidade; o Hotel Dunas, visto como um sinal de abertura para o turismo, e a verticalização que tomava conta da paisagem da cidade), os moradores das freguesias do interior da Ilha pouco tinham sido afetados por uma temporalidade moderna.

As comunidades viviam em uma perspectiva econômica que se pode qualificar como campesinato parcelar: pequenas glebas de propriedade privada, trabalhadas pela família (os mais abastados tinham seus jornaleiros; os mais pobres trabalhavam como jornaleiros na propriedade dos vizinhos). A pesca era uma atividade subsidiária. O tempo era marcado pela sazonalidade, pontuada pelas estações do ano ou pelo calendário litúrgico. Não havia separação entre sagrado e profano na vida cotidiana. Eis um caráter forte da tradição, quando o cotidiano se dá por inteiro de acordo com uma cosmologia que integrava as diferentes situações da vida social, religiosa e produtiva. O trabalho, as diversões, as festas, a comunicação, os ritos religiosos, o namoro, as trocas de experiências

são todas tarefas imbricadas na jornada dada pelo que é necessário fazer e pelos costumes. Na produção da vida, configurava-se a produção espiritual e material (FLORES, 2007).

Sobre o mito, no contexto marcado pela crescente degradação ambiental, movimentos ambientalistas têm criado mitos e representações simbólicas que, segundo Antônio Carlos Diegues (2008), objetivam estabelecer “ilhas intocadas” de florestas, parques e reservas naturais, onde a Natureza possa ser admirada e reverenciada. Contudo, não é esse tipo de mito que se adapta à abordagem do problema ecológico pautado por Cascaes na relação do mito do boitatá com o meio ambiente da Ilha de Santa Catarina. “O mito da natureza intocada”, um mito moderno, conforme discutido por Diegues (2008, p. 55), é portador de uma concepção “biocêntrica” das relações humano/natureza, pela qual o mundo natural tem direitos idênticos ao ser humano. Mas existem, adianta Diegues (2008, p. 56), outros mitos, os “bioantropomórficos”, interpretados pela tribo dos Sioux, nos Estados Unidos, segundo os quais as vastas planícies, montanhas e florestas faziam parte do mundo domesticado pela cultura indígena. Os mitos “bioantropomórficos”, todavia, não são apanágio exclusivo das populações indígenas. Eles existem entre populações “parcialmente afastadas da economia de mercado, habitantes das florestas tropicais e outros ecossistemas distantes do chamado mundo urbano-industrial” (DIEGUES, 2008, p. 56).

É este tipo de mito, “bioantropomórfico”, que se ajusta melhor às discussões que pretendemos levantar em torno do imaginado “paraíso mitológico” povoado pelos boitatás de Franklin Cascaes, na crença de que o retorno do tempo dos mitos viria a interromper a destruição do ecossistema da Ilha de Santa Catarina, restaurando a cultura ecológica de seus antigos habitantes.

Os guardas da floresta

Vamos invocar o deus mitológico das guardas florestais, o Curupira, para que ele interceda junto aos deuses, também, mitológicos, o Caipora, o Saci-Pererê, a Matinta-Pereira, o Boitatá, as Bruxas, as feiticeiras benzedeadas; o Lobisomem, o Vampiro; o macaco Malami; o São Pastorinho; o São Godinho; a Santa Achada

e muitos outros deuses mitológicos que criei e outros que ressuscitei, simbolicamente, para que tenham dó e piedade das reservas florestais. (CASCAES, 1972, Pasta 3, folha 219)

O Curupira “é um ente fantástico que castiga quem atíça fogo na mata”, explica Cascaes (Caderno 86, 1970?). Para ajudar a defender as “reservas florestais da Ilha”, este deus mitológico precisava chamar “outros deuses mitológicos”, alguns “que inventei e outros que ressuscitei” (CASCAES, 1977?., Pasta 3, folha 219). Aqui, não há espaço para abordar toda a população de entes sobrenaturais da fauna mitológica de Cascaes. Vamos nos deter aos desenhos de boitatás ambientados em lugares da Ilha de Santa Catarina que corriam risco de extinção: praias, lagoas, dunas, cômoros, sambaquis, mangues, matas, restingas e pequenos portos.

Nas imagens do boitatás, vemos Cascaes, artista mitólogo, criar ou chamar esses entes fantásticos para barrar o tempo da modernidade, o tempo da destruição. No estudo a grafite de *Monsbaichi*, de 1968, Cascaes escreve que um pescador da Barra da Lagoa da Conceição contou-lhe que “nos morros da *Costa de Dentro da Lagoa* aparecia um tal fogo, conhecido como *Fogo do Campo*”. Mas “hoje em dia [...] as matas da Ilha estão quase todas derrubadas, e os bichos [os boitatás] fogem para longe dali. Não encontram onde se ocultar [...] os fantasmas hoje são outros, os turistas” (CASCAES, 1968).

No Caderno 86, sem data, Cascaes faz uma relação de 41 desenhos para uma exposição¹², descrevendo o tema de cada um, identificados por um número e sua data. Possivelmente o Caderno 86 é de 1970 ou início de 1971, pois as datas dos desenhos não vão além de 1970. Entre os quadros, há 11 desenhos de boitatás. No acervo da Coleção Elizabeth Pavan, encontramos alguns quadros de boitatás, nos quais, por aproximação, é possível correlacionar iconografia e descrição de alguns desses guardiões da “natureza” da Ilha. Pela ordem das figuras a seguir, podemos imaginar o *Bitatá* sobre a Pedra da Feiticeira (Figura 2), no Morro das Pedras, observando as escavações às margens da Lagoa do Peri; o *Boitatá* passeando no Canto da Lagoa da Conceição (Figura 3), pensando nas

¹² Até o momento não se sabe para qual exposição Cascaes selecionou essas obras, pois, no Caderno 86, não há essa referência. Falta ainda um trabalho de pesquisa que dê conta de levantar as diversas exposições do artista.

Pensar com os mitos. Sobre ecologia nos boitatás de Franklin Cascaes
 Maria Bernardete Ramos Flores

brancas praias que não deveriam desaparecer com a invasão das cercas de arame farpado; o *Boitatá* lamentando a destruição dos sambaquis e dos monumentos indígenas (Figura 4), ou o *Boitatá da Lagoa do Jacaré* (Figura 5), pedindo planejamento técnico para evitar as cercas e a exploração de sambaquis. Abaixo, destacamos as figuras desses boitatás e, na sequência, as descrições feitas por Cascaes, que constam no referido caderno de anotações.

| Figura 2 – Bitatá, 1970. | Figura 3 – Boitatá, 1962. | Figura 4 – Boitatá, 1961. | Figura 5 – Boitatá, 1961. |
|--|--|---|--|
|  |  |  |  |
| Fonte: Coleção Elisabeth Pavan Cascaes. MARquE. Tombo: 670 | Fonte: Coleção Elisabeth Pavan Cascaes. MARquE. Tombo: 658 | Fonte: Coleção Elisabeth Pavan Cascaes. MARquE. Tombo: 653 | Fonte: Coleção Elisabeth Pavan Cascaes. MARquE. Tombo: 651 |

Descrição dos quadros feita por Cascaes:

Figura 2 – Quadro 18, 1970

Este quadro apresenta uma Bitatá (Bita – cabra) (Tatá – fogo) sobre a pedra da feiticeira do Morro das Pedras da Ilha de S. Catarina. Ela contempla com muito espanto, bitatamente, as escavações que o homem está fazendo nas margens da Lagoa do Peri, como também na praia belíssima do Morro das Pedras. Ela acha muito sem fundamento aquela cerca de arame farpado que impede a passagem para a mesma Lagoa, pelo antiguíssimo Porto Velho, por onde antigamente se escoou com canoas, cargueiros e carros de boi, os mantimentos produzidos e fabricados naqueles lugares para o nosso consumo (CASCAES, 1970?, Caderno 86).

Figura 3 – Quadro 25B, 1962

Este quadro apresenta um Boitatá passeando por cima das águas tranquilas do Canto da Lagoa da Conceição. Ele contempla meio boitadamente os dezesseis quilômetros de belezas naturais que

caracterizam esta Lagoa da Conceição, da Ilha de Santa Catarina. Ele acha que suas brancas praias não devem desaparecer nem com cercas de arame farpado, nem com muros de pedra. Elas devem ser franqueadas a todos que as visitam (CASCAES, 1970?, Caderno 86).

Figura 4 – Quadro 27 C, 1961

Este quadro apresenta um Boitatá passeando na foz do Rio das Capivaras do Rio Vermelho da Lagoa da Conceição da Ilha de Santa Catarina. Ele contempla o grande número de Sambaquis ou Casqueiros ali existentes. A razão dele contemplar estes monumentos históricos indígenas é porque com certeza eles representam para as Américas a mesma história que as pirâmides do Egito representam para a Europa e o mundo. É um pecado cultural-social histórico usar o material destes monumentos para asfaltar ruas e fabricar cal de conchas (CASCAES, 1970?, Caderno 86).

Figura 5 – Quadro n 28, 1961

Este quadro apresenta um boitatá contemplando as cercas de arame farpado que já começou a nascer em volta da belíssima Lagoa do Jacaré em Rio Tavares. Ele acha que aquelas cercas vão destruir toda aquela beleza natural que a Lagoa recebeu das mãos incomparáveis do Arquiteto do universo. Ele, também, pede com muito amor ilhéu, um planejamento técnico e salutar para aquela Lagoa do Jacaré e seus sambaquis (CASCAES, 1970?, Caderno 86).

Como já se disse acima, Cascaes evoca imagetivamente esse ente fantástico, que, na mitologia tupi, castigava a quem ateasse fogo na mata, para atuar como sentinela simbólica, defensora da Natureza. Como antonomásia de Cascaes, o boitatá anuncia uma catástrofe ecológica, “a poluição [na Ilha] [...], matança total da fauna, da ‘ectopologia’ (sic) do mar [...] tudo isso resulta no seguinte, a fome, a miséria, o desespero, a morte [...] até a falta d’água” (CASCAES, 1996, p. 151). E o alerta sobre a destruição do ecossistema da Ilha não vinha somente da ficção mitológica. Pelos registros nos Cadernos e Folhas avulsas, acompanhamos Cascaes como um habitante da cidade bem-informado sobre o que acontece ao seu redor, denunciando insistentemente a depredação do meio-ambiente e conclamando sua proteção:

Digníssimas autoridades das duas casas legislativas do Estado de Santa Catarina, ajude-me a defender nossos Patrimônios Artístico, Histórico e Natural de nossa terra. Digníssimas autoridades do setor de Caça e Pesca, por favor, visitem nosso mar, nossas lagoas e reservas florestais. Digníssimas autoridades do setor da Marinha,

visitem nossas praias, lagoas e rios. Observem que as construções de casas, muros, cercas na orla marítima e lacustre da nossa querida Ilha proliferam assustadoramente. (CASCAES, 1977?, Pasta 9, folha 258)

Na sua fase de maior atuação como folclorista “viajante”, nas décadas de 1960 e 1970, há, em seus registros manuscritos, diversos relatos, anotações, poemas e cartas às autoridades e aos gestores do bem público municipal e estadual denunciando o que via em suas viagens de pesquisa pelo interior da Ilha. “Será o progresso, uma ignorância?” (CASCAES, 1977?, Caderno 67), perguntava. Na carta que escreve para o historiador Jali Meirinho, que à época era assessor no Departamento de Cultura, Cascaes reclama da destruição da beleza da Ilha, das cercas, do desmatamento, da invasão de plantas exóticas, do sumiço de praias e da exploração de areais: “Em muitas praias os gigantes cômoros de areias aluviais errantes estão sendo extintos [...] até praia já foi extinta como a da Lagoa da Conceição” (1973, Pasta 9, folha 255,).

Em forma de cordel, em um registro indignado, Cascaes (1970?, Pasta 10, folha 275.) dirige-se à “Madame Fátima”¹³:

| | | |
|----------------------------|-------------------------------|----------------------------|
| A senhora visitou | Nesses manguezais | Eu ofereço-lhe uma carona |
| O pequeno rio Ratonas? | Os peixes vão desovar | Pra chega inté na Trindade |
| Que fica no norte da Ilha | E que em plânctons e alevinos | Mode bispá o manguezal |
| Por onde passou um ciclone | Os peixinhos saem de lá | Pra mode senti piedade |
| Que eliminou o manguezal | E procuram o mar aberto | Daquela mata marinha |
| Pela mão do bicho homem | Pra mode lá se criar. | Que eu chamo de soledade. |

Cascaes (1973, Pasta 10, folha 270) relata que voltara, “ontem, 4 de abril de 1973”, da praia do Morro das Pedras, “horrorizado”, com a “grande quantidade de areia” que estava sendo retirada da praia da Armação. Informa que “as ondas bravias do oceano já alcançam a vegetação rasteira praiana”. Na Lagoa do Peri, o processo de extração de areia branca de aluvião para a construção abriu enormes crateras, informa o artista, pois “Verdadeiras caravanas de caminhões se dirigem para lá diariamente para transporte de areia”. Na sequência, pergunta se o mar vai restituir à praia a areia retirada: “Será que as águas calmas da Lagoa não vão querer se modernizar e como modernas beijar o oceano através de ruturas pelas

¹³ Referente à FATMA – Fundação de Amparo ao Meio Ambiente, de Santa Catarina. Cascaes costumava referir-se às instituições dando o tratamento “madame” de forma irônica.

crateras a ela oferecidas? [...] Será que não há leis que proíbam esses pecados geológicos?”. Até quando e até onde – pergunta Cascaes – irá a destruição da “Ilha das sessenta praias e cinco lagoas?”.

Voltemos ao tempo atual, século XXI, na chamada era do Antropoceno. Os jornais locais trazem notícias que falam das “catástrofes” anunciadas por Cascaes na década de 1970: poluição, falta de água, desaparecimento de espécies, avanço do mar, desmoronamento. Uma notícia de 2010 relata o seguinte: “A erosão extrema na Praia da Armação, em Florianópolis, pode causar um desastre natural sem precedentes na Lagoa do Peri, maior manancial de água doce da Ilha de Santa Catarina. A lagoa é responsável pelo abastecimento de 113 mil habitantes” (BASTOS, 2010). Em 2014, na reportagem intitulada “O mar avança na Lagoa do Peri”, lê-se: “O mar já começou a cavar lá e aos pouquinhos avança para cima” (ROSA, 2014). O processo pode ter sido causado por “uma dinâmica natural”, informa o jornalista, mas também pela “interferência humana causadora de instabilidades ambientais, como a que vem sendo observada no local, com a diminuição cada vez maior das restingas que pode colocar em risco a potabilidade da Lagoa do Peri no contato da água salgada com o manancial” (ROSA, 2014). E agora, em 2020, a Fundação Municipal de Meio Ambiente (Floram) deu um prazo de 180 dias para a Companhia Catarinense de Água (Casan) deixar de captar água na Lagoa do Peri, no sul da ilha, em Florianópolis, devido ao esgotamento de seu manancial (IGOR, 2020).

O sonho de Cascaes

Da mesma forma que Cascaes denunciava a destruição do ecossistema da Lagoa do Peri, quase esbravejava ao falar do risco que a Lagoa do Jacaré corria de desaparecer, assim como ocorreu com a praia da Lagoa da Conceição: “Que pecado ela cometeu para ser sacrificada com aquela estrada de barro vermelho cavernoso que destruiu uma grande parte de sua margem toda atapetada de gramado verde exuberante ilhéu?” (CASCAES, 1970?, Pasta 9, folha 258) As críticas às intervenções na Lagoa do Jacaré levantavam desde as “coroas de arame farpado”, que lhe puseram um “modelo anti-estético”, à destruição do *habitat* natural de espécies de vegetação, de jacarés, peixes de água doce e aves

Pensar com os mitos. Sobre ecologia nos boitatás de Franklin Cascaes
 Maria Bernardete Ramos Flores

aquáticas. Também denunciava a destruição das “gigantes esculturas naturais” formadas pela areia, conhecidos como cômoros, no Pontal do Campeche. “Quem teve a infeliz ideia de traçar e mandar construir aquele caminho?” (CASCAES, 1970?., Pasta 9, folha 258).

Figura 6 – Mapa da Ilha de Santa Catarina. Primeiros núcleos de povoamento.
 Imagem elaborada por Talita Sauer Medeiros



Fonte: PIAZZA, Walter F. A epopeia açórico-madeirense. Florianópolis, Editora da UFSC, 1992, p. 374.
 CARNEIRO, Glauco. Florianópolis. Roteiro da Ilha Encantada. Florianópolis: Expressão, 1987, p. 172

Além do Campeche, a leste do Rio Tavares
 Situa-se a esquecida Lagoa do Jacaré.
 Com aves aquáticas de várias espécies.
 Passeando em suas águas os igarapés
 Grita semelhança com uma grande taça,
 Cheia de puro néctar pra oferecer a lua,
 Que após embriagar-se com tanto encantamento,
 Implora pro Ilhéu: cuida dela, pois é tua.
 Foi no ano do mil novecentos e cinquenta
 Mais ou menos creio, lá por esta época sim.
 Ela ofereceu tanta traíra para a tirarem,
 Que o seu Sotero saudou-a com um pasquim.
 (CASCAES, 1970?., Pasta 9, folha 258)

Não é à toa que a mitológica Lagoa do Jacaré¹⁴, no Rio Tavares, tornou-se o lendário berçário dos filhotes tatarinos: “[...] criei a família toda. O bezerro tatá, a bezerra tatá, etc.” (CASCAES, 1989, p. 51).

Figura 7 – Tavau, Franklin Joaquim Cascaes, 09/04/1962.



Fonte: Coleção Elisabeth Pavan Cascaes. MARquE. Tombo: 655

Figura 8 – Enréia, Franklin Joaquim Cascaes, 09/04/1962.



Fonte: Coleção Elisabeth Pavan Cascaes. MARquE. Tombo: 676

Figura 9 – Vacatatá Enréia, Franklin Joaquim Cascaes, 1964.



Fonte: Coleção Elisabeth Pavan Cascaes. MARquE. Tombo: 662

Na figura 7, o artista escreve: “*Tavau* é uma deusa vacatatarina mitológica catarinense que recebeu vida fictícia no campo imaginário do meu pensamento numa noite de profunda insônia solitária”. Em sonho, encontrara “um boitatá muito tristonho chorando [...] nas margens da Lagoa do Jacaré no Rio Tavares [...] O que falta para seres feliz, boitatá? [...] Uma companheira, amigo artista! [...] Bem, vou dar-te uma”. Tal como a narrativa da criação de Eva a partir da costela de Adão, Cascaes conta que cortou as pontas de seu chifre, as pontas da pata, algumas penas das asas, as pontas das orelhas e outros elementos naturais. Fez um desenho de uma vaca na areia e colocou cada elemento em seu devido lugar, e, sobre as asas, um pouco de fogo. Com algumas palavras mágicas, “dei vida boitatarina ao desenho, com pretensão reprodutora para que ajude o meu amigo

¹⁴ Pela ambientação de Cascaes, a Lagoa do Jacaré localiza-se na região do Rio Tavares. Mas lá, ela não está. Hoje, sabe-se que há uma Lagoa do Jacaré nas dunas do Santinho, no litoral norte, aproximadamente a 30 km de distância para o norte, em oposição ao Campeche.

Boitatá a lutar [...] pela preservação e desenvolvimento da espécie tatarina sobre os noventa e sete mil quilômetros quadrados desta Ilha de Santa Catarina: a Ilha Amor, Repouso e Encanto”¹⁵ (CASCAES, 1962?, Desenho: Tombo: 655).

Na figura 8, houve a fecundação, e a Vaca-tatá passou a ser chamada de Enréia, palavra formada pelas sílabas iniciais de (en)canto, (re)pouso, (a)mor. Passados sete meses, o “espírito amigo do artista”, antonomásia de Cascaes, encontrou o Boitatá Ilhéu, que lhe comunicou que a vaquinha-tatá estava esperando um bebê. Logo nasceria bebê-tatá, e uma feiticeira também lhe contara que depois viria uma bebêa-tatá. “Se não houvesse o encontro imaginário entre nós dois, espírito amigo de artista, minha espécie estava extinta nesta Ilha”, exclamou o pai-tatá. E havia ainda mais uma boa notícia: o fictício boitatá escutou na rádio local que havia, na câmara dos vereadores, um projeto para reflorestar a Ilha com árvores nativas, que recriaria o ambiente para a proliferação da espécie tatarina. “Breve estarei sendo vovô-tatá”¹⁶.

Na figura 9, o “espírito amigo do artista” faz a narrativa do nascimento dos bebês. É um texto grande, cheio de magia, de sabedoria xamã ou feiticeira, cujos eventos são realizados em lugares simbólicos da Ilha. Houve festa “tatá” no batismo dos recém-nascidos. O bebê recebeu o nome tatarino de Bezerra-Tatá Júnior, enquanto a bebêa de Bezerra-Tatá Júnior. O banquete tatá de Júnior foi na Pedra da Feiticeira, no extremo norte da Ilha. Serviram de padrinhos o alfaiate defunteiro, Rasga-mortalha, e a Cobra olhuda Boiguaçu. O batizado da Bezerra-tatá foi realizado na Pedra do Frade, no extremo sul da Ilha. Como padrinhos, Lobisome-Papa-Barro e a Bruxa Cova-Cava. Os cardápios dos banquetes são feitos com produtos bizarros: salada de fruta com baga de cobra, arrebenta cavalo servido em caveira humana, chapéu de cobra, ovo de piolho, batata do inferno e muito mais.

¹⁵ No texto escrito sobre o desenho da *Tavau*, consta a seguinte informação: “A deusa tatarina mitológica nasceu na Ilha Iurumirim, na rua Júlio Moura, n. 31”. Cascaes morava nessa rua (1989, p. 11). Iurumirim provavelmente faz alusão a Jurere Mirim, um dos nomes da Ilha de Santa Catarina na língua tupi-guarani.

¹⁶ O texto sobre o desenho foi incluído anos mais tarde, pois a notícia do referido reflorestamento nativo é completada com a informação de que foi ouvida na Rádio Diário da Manhã, no programa A Hora do Despertador, no dia 20 de novembro de 1973.

Na entrevista a Caruso, já mencionada, Cascaes (1989, p. 42) diz que é preciso viver a fantasia: “Através da ficção a gente pode voar, criar castelos [...] viajar sobre o mar, andar sobre as águas dos rios [...], conversar com os pássaros, conversar com os outros animais, numa linguagem toda particular [...] o sonho é uma espécie de ficção”. Voltando a citar Ailton Krenak, o sonho como experiência de pessoas iniciadas em uma tradição para sonhar não significa a ideia de abdicar da realidade. O ato de sonhar pode ser um momento de inspiração, de interpretação e de possibilidades que se colocam de forma aberta.

Não o sonho comumente referenciado de quando se está cochilando ou que a gente banaliza ‘estou sonhando com o meu próximo emprego, com o próximo carro’, mas que é uma experiência transcendente na qual o casulo do humano implode, se abrindo para outras visões da vida não limitada. Alguns xamãs ou mágicos habitam esses lugares de sonhos ou têm passagem por eles. Não se trata de um mundo paralelo. São lugares com conexão com o mundo que partilhamos, mas que se apresentam com potências diferentes. (KRENAK, 2019, p. 32)

Se nos devaneios de Cascaes vemos um homem no exercício do pensamento mitológico, no uso da razão do professor de desenho da Escola Técnica Federal de Santa Catarina, vemos o cidadão engajado com as questões da vida pública da cidade, que se revela um contumaz crítico das intervenções que demoliam seu antigo mundo. Ele lamentava a perda tanto do patrimônio material (igrejas, imagens de santos, casarões antigos), quanto imaterial (crenças, costumes, tradições e seu amado catolicismo popular das novenas, festas, procissões e devoções). Além disso, vemos Cascaes como um arguto e insistente crítico da exploração desordenada do meio-ambiente, que destruía o ecossistema e a beleza da Ilha.

O aterro da Baía Sul, finalizado em 1974, uma extensão de terra de 600.000 m² ganhos por sobre o mar (SANTOS, 1987, p. 87) para viabilizar a construção da segunda ponte entre a Ilha e o continente produziu uma significativa transformação na morfologia da cidade e da topografia marinha. Cascaes expressa seu inconformismo. Na Folha avulsa de número 237, datada de 25-11-1974, ele compõe um grande poema, de 28 estrofes, com 6 versos cada, quase uma narrativa histórica, abordando a sucessão de aterramentos desde 1917, com

Pensar com os mitos. Sobre ecologia nos boitatás de Franklin Cascaes
Maria Bernardete Ramos Flores

a primeira onda modernizadora, até o presente, denunciando as perdas que se vão acumulando à medida que se ganha mais terra sobre a orla marítima. Sobre o aterro da Baía Sul, de 1974, lemos esses versos:

O Aterro da Baía Sul
 É uma obra ante natural.
 Extinguiram com a Prainha
 E plantaram uma abissal
 Lá na foz do rio Tavares
 Contornando o manguezal.

Sumiram o miramar
 E a ilha do carvão também
 A praia da Rita Maria
 Que lá se foi para o além.
 Bulir com a natureza
 Jamais agradou a ninguém.

Estás perdendo a beleza
 Ó minha ilha tão querida.
 Do teu mar roubam pedaços
 Nos teus morros põem feridas
 Já extinguiram as tuas matas,
 E tuas águas tão poluídas.

Muitos anos são passados
 As praias já não existem mais
 Agora o mar ficou aterro
 Todo cercado de cais
 As águas foram embora
 E não voltarão jamais
 (CASCAES, 1974, Pasta 9, folha 237)

O aterro da Baía Sul de Florianópolis, como aterro hidráulico, usou uma técnica de sucção de bancos de areia do fundo do mar que os draga e lança sobre a orla, o que gerou a “perda de sete milhões de metros cúbicos de areia da porção norte do baixio principalmente onde ocorre preponderantemente o extrativismo do berbigão” (HUR, 2018, p. 22.). No dia em que a draga deu início aos trabalhos, Cascaes registrou:

No dia 27 de junho de 1972 às quatro horas da manhã, a draga Sergipe deu início à construção da nova ponte que liga o Continente à Ilha de Santa Catarina, retirando manancial de areia das Itapitinga, para o aterro. Vai desaparecer o nosso baixio viveiro de camarões, siris e berbigão da Foz do Rio Tavares. Será que a natureza não vai se incomodar meu caro senhor homem de argila humana crua! ... com a retirada de areia daquele manancial? (CASCAES, 1972, Caderno 2)

O berbigão, tão presente na fala de Cascaes em sua incansável defesa do ecossistema da Ilha, na década de 1970, veio a se tornar, no século XXI, um signo da identidade culinária de Florianópolis, entrando “para a *Arca do Gosto* do ilhéu, projeto da Fundação *Slow Food* que procura salvaguardar alimentos ameaçados de extinção” (TORRES, 2019). O berbigão sumiu das areias das praias da Ilha e

uma das causas mais recentes de sua extinção pode ter sido o mal uso de seu *habitat* em decorrência dos aterros, dos condomínios à beira-mar e dos esgotos sanitários. A exploração desse molusco, assim como dos sambaquis, remonta a uma prática antiga da época colonial quando as conchas eram transformadas em uma espécie de cal que, misturado ao óleo de baleia, servia às edificações civis, religiosas, militares e públicas.

Em 1900, Virgílio Várzea escreveu que, no Saco dos Limões, bairro costeiro de Florianópolis, era possível ver os “discos elevados e amplos das caieiras”¹⁷ (VÁRZEA, 1985, p. 84) feitos “com certa arte”. Eram amontoados de até quatro metros de altura, que se alternavam em camadas “em geral de berbigão, muito abundante em toda a costa da Ilha [...] e nos montículos de sambaquis aí existentes”, e, também, de lenha tirada dos manguezais. Após a finalização do “elevado circular”, prendia-se fogo e “começa[va] a fabricação de cal, que de dois a três dias, numa crepitação de onde se ergue um cheiro acre, por entre labaredas vermelhas e novelos de fumaça” (VÁRZEA, 1985, p. 85)¹⁸.

As caieiras sangravam na colina da Carvoeira. “Nos teus morros põem feridas”, disse Cascaes no poema anterior. As feridas deixadas e constantemente abertas pela exploração predatória do meio ambiente são as marcas do processo de ocupação da variada e exuberante topografia da Ilha. Hoje, entre os bairros povoados de maneira desordenada e lugares bucólicos, entre praias lotadas, poluídas e sem água potável e o verde dos morros cobertos de Mata Atlântica, entre condomínios modernos e moradias tradicionais, entre a indústria (viveiros-fazendas) de mariscos e a pesca artesanal, entre as vias asfaltadas de trânsito caótico e o verde de suas margens, novas feridas surgem a cada dia.

No *marketing* turístico, na poesia e na pintura, a Ilha de Santa Catarina é considerada um lugar de extraordinária beleza. Nas palavras da crítica de arte Daniela M. Cidade (2017, p. 79), “a paisagem tornou-se objeto de identidade da ilha de Florianópolis, no Brasil, se transformando em um produto cultural frente ao entorno físico e geográfico e seus recursos”. Sua iconografia geomorfológica,

¹⁷ Não é à toa que hoje há uma praia, no sul da Ilha, que leva o nome de Caieira da Barra do Sul, lugar que outrora serviu à produção de cal de concha dos moluscos extraídos do mar.

¹⁸ Somente em 1961 a Lei nº 3.924 proibiu a destruição dos sítios arqueológicos (ROSA, 2015).

acrescenta, só obteve uma legislação que a protegesse nos últimos anos. Cidade analisa a obra da artista visual florianopolitana Cláudia Zimmer, que, em decorrência de uma dificuldade visual, interessou-se pela fotografia de paisagem. Em um de seus trabalhos, aborda justamente as paisagens de sua cidade natal, onde “as manchas que aparecem em sua lente são tomadas como metáfora das feridas abertas e induzem ao questionamento sobre o mal uso que o humano faz da natureza” (CIDADE, 2017, p. 79).

A filosofia cabocla

Percorri a Ilha de Santa Catarina, e deixei que o meu pensamento se entrelaçasse, mutuamente, com o do Povo humilde e bom, e então adquiri o que possuo escrito, desenhado, esculpido e em trabalhos manuais, para legar à posteridade (CASCAES, 1961, Caderno 17).

A epígrafe acima é parte da carta que Cascaes enviou a Osvaldo Melo Filho, diretor do Departamento Cultural da prefeitura de Florianópolis, em 21 de junho de 1961. “Como é do conhecimento de V. Excia, senhor Professor, eu venho há muitos anos me dedicando aos estudos que trazem ao coração do Povo as coisas do nosso passado, desde o ano de 1946”. Na entrevista de 1981, concedida a Gelci Coelho, Cascaes (1996, p. 233) diz que as visitas às comunidades eram necessárias antes que tudo fosse destruído, pois “era preciso encontrar pessoas antigas e que tivessem disposição para contar e narrar [...] e estas pessoas estavam morrendo”. Em entrevista a Raimundo Caruso, também em 1981, Cascaes (1989, p. 50) informa que os moradores contavam as coisas de forma truncada: “Recolhia então as palavras ditas por eles, o modo como eles falavam, como se comportavam, e recriava tudo isso aí”. Ouvia “muitas histórias de mentiroso”, diz Cascaes (1989, p. 49-51), “histórias fantásticas”, como a história de uma abóbora que cresceu muito no meio de uma roça de mandioca abandonada. Certo dia, um vigia da pesca da tainha, que precisava se abrigar por causa de um temporal, entrou na roça e encontrou a abóbora. Então, ele pegou o facão, fez uma porta e se abrigou lá dentro. Cascaes conclui dizendo:

Isso aí não é verdade, não é? No meu entender, é uma filosofia cabocla onde o homem toma da sua filosofia, do seu espírito, do

seu sentimento, da sua vida de matuto, para comunicar-se com a natureza [...]. Então, isso é para engrandecer a natureza, ele exalta, não é? E dá um poder novo à natureza e também a ele que viu, que viveu. (CASCAES, 1989, p. 53)

Em uma “filosofia cabocla”, explica Cascaes, o “matuto” identifica “várias formas do seu mundo objetivo” para criar uma representação das coisas da natureza ou do sobrenatural. Sobre o boitatá, por exemplo, que resulta da visão do fenômeno do fogo-fátuo, Cascaes (1989, p. 50) diz que “os antigos moradores contavam que viam um facho de fogo”, associando-o, por exemplo, a “uma batina de padre”, a “um pássaro”, a “uma vela, uma lanterna”, a um “bicho” ou “outra coisa qualquer”. E usa o exemplo do desenho de *Boitatá Hipópode* (Figura 10), de 1962, para explicar o que seria a “filosofia cabocla”, “onde o homem toma da sua filosofia, do seu espírito, do seu sentimento, da sua vida de matuto, para comunicar-se com a natureza, pura ainda. Dá poder à natureza e também a ele que viveu”.

Figura 10 – Boitatá Hipópode, 1962.



Fonte: Coleção Elisabeth Pavan Cascaes. MARquE.
 Tombo: 659

Veja o caso da corda do sino. O homem aprendeu a saber que Deus é absoluto, é o senhor onipotente. Ele criou tudo e cada homem cria um Deus para si. O sino era aquele elemento que

chamava para assistir à missa, ir à novena, ou homenagear os falecidos. Então, o que acontece? Esse sino tem a comunicação com o Alto, com o Divino. O sino é então coisa sagrada. Se o sino é sagrado, e a corda está amarrada nele, ela tem a mesma virtude do sino. Logo, tem poderes superiores para abrandar o fogo-fátuo, que vem ao encontro do homem para queimá-lo. Por isso, ele chama por alguém que traga a corda do sino. E o boitatá é afugentado (CASCAES, 1989, p. 53)¹⁹.

Em correspondência com as maiores autoridades no assunto do folclore brasileiro à época, Cascaes fala de sua metodologia de pesquisa, enfatizando a importância do contato direto com o povo. “Não recolho objetos folclóricos. Meus estudos e pesquisas são realizados cuidadosamente nas fontes genuínas da cultura popular do Povo. [...] Caro colega este é o meu humilde e mais sincero ponto de vista” (CASCAES, 1958?, Caderno 60). Para ele, o folclore não podia ser estudo de gabinete, devendo ser feito sem a preocupação de inventário, sem almejar quantidade. E, em uma carta a Renato Almeida, datada de 31 de agosto de 1958, Cascaes (1958, Caderno 52) elogia a defesa do folclore feita pelo presidente da Comissão Nacional do Folclore, não sem advertir que: “Dr. Renato Almeida [...] meus estudos são feitos na fonte de origem, gosto de viver o ambiente [...]. Conheço todos os costumes da gente dessa Ilha porque naquele meio nasci e me criei.” Igualmente em uma carta ao Dr. Edson Carneiro, de 23 de maio de 1961, informa que recebeu a circular de 8 de maio de 1961, agradece e pede desculpas se caso comete algum equívoco, mas afirma que: “Folclore não se estuda dentro dos gabinetes mas sim na sua fonte original”. Faz críticas aos folcloristas que escrevem sobre o motivo, o boi de mamão, a cerâmica ou a renda de bilro da Ilha, por exemplo, mas que não abarcam a totalidade de sua riqueza cultural. “Dr. Edison Carneiro, diante do que já estudei [...] em matéria de folclore, [...] escrito, desenhado ou esculpido, eu tenho certeza quase precisa que darei aulas com bastante desembaraço, isto é, não fazendo discursos inflamados com palavras empoladas” (CASCAES, 1961, Caderno 40).

¹⁹ Lembramos que Jacques Rancière, em diversos de seus trabalhos, considera a igualdade das inteligências, pois não há lacuna entre as duas formas. A pessoa que não sabe ler, que só sabe uma coisa de cor, uma simples oração, ela pode comparar esse conhecimento a algo que ela ainda ignora. “O animal humano aprende tudo do mesmo modo que aprendeu a sua língua materna [...], observando, comparando uma coisa com a outra, um signo com um fato, um signo com outro signo, e repetindo as experiências que ele encontrou primeiramente ao acaso” (RANCIÈRE, 2002, p. 76).

A maneira de Cascaes falar da cultura do povo evoca as atuais mensagens de Ailton Krenak (2020), que, ao refletir sobre o mundo contemporâneo na era do Antropoceno, lança a pergunta: como é possível “que um conjunto de culturas e de povos no Brasil, 250 povos indígenas e aproximadamente 900 mil pessoas ainda seja capaz de habitar uma cosmovisão, habitar um lugar neste planeta [...], em que tudo ganha um sentido”, isto é, o da mercadoria? Em *Para adiar o fim do mundo*, Krenak (2019, p. 13) argumenta que a sua “provocação para adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim do mundo”.

Cascaes foi incansável na escuta de histórias, “contadas com muita profundidade filosófica ao pé do fogo nas casinhas de chão batido” (CASCAES, 1970, Pasta 16, folha 13) pelos moradores das comunidades pesqueiras e rurais da Ilha por mais de três décadas. Como artista e folclorista, fez da arte de escutar, contar, recontar e inventar histórias uma esperança para interromper o tempo da destruição, o tempo do progresso e da história. “Caro leitor, a madame história está me pedindo para falar mal das bruxas”. (CASCAES, 1961, Caderno 1). Para ele (1989, p. 55), a figura da bruxa²⁰, “dominada pela madame medicina”, corria perigo de extinção frente à história, frente ao discurso racional que vai pondo fim às noites escuras e ao medo necessário à vida imaginativa:

Minha querida Ilha de Santa Catarina até as figueiras que caracterizam a tua rica e invejada mata são palcos das luzes que vagueia na escuridão dentro da noite, quando em farras noturnas, para atrair os olhos humanos a observá-las, impingindo-lhes medo e imaginação fictícias.

O medo é o maior responsável pela formidável criação alegórica, da presença e aparecimento de entes fantásticos entre a raça humana, elementos inatos da força imaginária do seu fértil pensamento.

Cortando, verticalmente, as vastidões imensas do infinito, ele avança e cria mundos inacessíveis às pessoas, mas acessíveis à poderosa força do seu pensamento irrequieto e aventureiro (CASCAES, 1961, Caderno 1).

José Bergamín (1895-1983), poeta, escritor e ensaísta espanhol, publicou, em 1930, o ensaio *A decadência do analfabetismo*. Para ele, que teve como um

²⁰ O tema das bruxas, por se tratar de algo complexo e extenso no pensamento e na obra de Cascaes, merece um estudo próprio, não sendo objeto de investigação neste artigo.

de seus temas preferidos os mitos literários da Espanha, a cultura literária, cada vez mais generalizada, vinha desorganizando o mundo vivido, uma vez que reduz todas as coisas à sua ordem: a ordem do alfabeto, dos dicionários e das enciclopédias. “A ordem alfabética é uma ordem falsa. A ordem alfabética é a maior desordem espiritual” (BERGAMÍN, 2012, p. 57). As crianças não podem aprender o alfabeto antes do uso da razão, diz o autor. O adulto deixa de ser criança quando se torna o homem da razão, alfabético, homem de letras, que faz o uso “racional da razão”, da “razão prática”. Mas há, segundo Bergamín, outra espécie de razão, a razão que a criança utiliza antes de saber para que vai lhe servir ou para que vai utilizá-la na prática. É uma razão intacta, espiritualmente imaculada, isto é, uma razão analfabeta. “E essa é sua bem-aventurança. Não é que não possa conhecer o mundo, mas, sim, o conhece puramente: de um modo espiritual exclusivo, não literarizado. A razão da criança é uma razão puramente espiritual: poética” (BERGAMÍN, 2012, p. 55)²¹.

Parece que aí há uma proximidade, um parentesco espiritual entre a “razão analfabeta” infantil, tal como entende Bergamín, e a “filosofia cabocla”, concebida por Cascaes para designar os saberes populares do povo ilhéu. O artista folclorista diz que tinha conhecimento da “filosofia cabocla” não só pelo contato que mantinha com o povo, pois ele próprio era povo: “Eu me criei ali na época em que a natureza vivia a sua vida límpida, a sol brilhava, a lua também, as estrelas pareciam que estavam sorrindo para a gente [...] Minha arte é recriação do que vi, do que vejo, do que vivi” (CASCAES, 1989, p. 49).

Pensar com os mitos

Comecei a debruçar-me sobre a mitologia em 1950, terminei as Mitologias em 1970. Durante vinte anos, acordando ao nascer do dia, embriagado de mitos, realmente vivi num outro mundo. Os mitos impregnavam-me. É preciso absorver mais deles do que o que se utiliza! (LÉVY-STRAUSS; ERIBON, 1990, p. 170)

²¹ Agradeço à Lígia Maria Bremer pela indicação desse livro.

Lévi-Strauss precisou, antes, embriagar-se de mitos, fazer com que eles lhe penetrassem, precisou realmente “viver outro mundo” para poder “pensar mitologicamente”. Já Franklin Cascaes veio ao mundo encharcado de mitologias. Cascaes não se caracteriza como o típico folclorista, aquele que vem de longe escutar o povo e recolher a tradição do fundo cultural da nação; Cascaes não é o etnólogo estrangeiro formado para estudar o “outro”. Ele tem a voz do próprio e fala de dentro de seu mundo.

Nascido em 1908, cresceu no começo do XX, próximo ao mar, no local onde hoje se localizam os bairros de Bom Abrigo e Abraão, na parte continental de Florianópolis, quando a modernização ainda não havia atingido todo o seu espectro. A família era dona de terras e de engenhos de farinha e de açúcar (CASCAES, 1989, p. 21). Quando criança, gostava de ouvir os jornaleiros que, à noite, nos serões do engenho, costumavam sentar ao redor do fogo de trempe para tomar café, conversar, contar causos e histórias de bruxas e assombrações. “Eu prestava muita atenção na conversa deles [...] E um dia me prometi que, quando pudesse, ia recolher na Ilha o que sobrava de todas aquelas tradições [...]. Era curioso, gostava de estudar, vivia fazendo esculturas de barro e na areia” (CASCAES, 1989, p. 22).

Ao crescer, tornou-se artista autodidata, professor de desenho sem formação acadêmica e reconhecido folclorista que percorreu as comunidades de pescadores artesanais e agricultores do interior da Ilha por mais de três décadas escutando narrativas populares e registrando atividades produtivas e costumes ainda sobreviventes. Além dessa prática, estava ligado ao Movimento Folclorista Brasileiro, cujo epicentro deu-se com a Comissão Nacional do Folclore, criada em 1947 por Renato Almeida. Em Santa Catarina, a Subcomissão Catarinense de Folclore foi criada em 1948. No acervo de Cascaes, sob a guarda do Museu de Arqueologia e Etnologia (MARquE) da Universidade Federal de Santa Catarina, há rascunhos de cartas endereçadas aos principais personagens do movimento folclorista nacional. Localmente, participou do Boletim Catarinense de Folclore, conviveu com o médico, antropólogo e estudioso da cultura popular da Ilha, Osvaldo Rodrigues Cabral, e com outras figuras conterrâneas que se dedicaram ao tema em Santa Catarina. Sobre seu acervo de livros, não é possível

dizer que Cascaes tenha reunido uma biblioteca especializada no tema que tanto lhe agradava, a cultura popular. Constam em seu acervo apenas alguns títulos: *Mitos e Lendas na Roma Antiga*, de Jonh Gilbert; *Erotismo e feiticeiras através do tempo*, de Jacques Finné; *Velhos Costumes do meu sertão*, de Juvenal Lamartine; *Contos gauchescos e lendas do Sul*, de Simão Lopes Neto, e *Poranduba Catarinense*, de Lucas Boiteux. Mas, se ele não reuniu uma biblioteca especializada, não significa que não tenha lido e vivido o movimento folclorista do século XX.

Em síntese, a abordagem do mito de boitatá, por parte de Cascaes²², contou com uma bibliografia externa ao meio cultural ilhéu, mas parece que o dilema entre estar no *mythos* ou no *logos*, o dilema de Lévy-Strauss, não se colocou como uma questão de difícil solução para o folclorista catarinense. Cascaes era “embriagado” de mitologias pela experiência do próprio lugar de nascimento, de onde nunca se ausentou, lugar que preservava, em parte, até meados do século XX, a tradição herdada dos séculos anteriores. Assim, na composição da narrativa visual ou textual de seus mitos – boitatás, bruxas, lobisomens –, há uma simbiose entre experiência (embebido na cultura mitológica), narrativas orais (as quais escutou ao percorrer a Ilha) e leitura do saber erudito (por ser um estudioso do folclore). Desse conhecimento multifacetado (da própria experiência, do trabalho como folclorista e do estudioso da cultura escrita), nessa sinestesia entre os saberes científico e mitológico, Cascaes, encarnado na cultura da tradição (gosto pelas lendas, causos e casos raros, benzeduras e remédios caseiros, histórias de bruxas e religiosidade popular, boitatás e lobisomens) e imbuído do mito cristão (criar, nomear) e da imaginação artística (dar formas às fantasias e ao mundo objetivo), criou diversas imagens visuais para o mito do boitatá, cuja composição imagética encontra-se entre conhecimento racional e pensamento mitológico, entre *Mythos* e *Logos*. Aqui, impõem-se lembrar a lição de Lévy-Bruhl (1957, p. 19), segundo o qual, as “mentalidades míticas” podem, para efeito de diferenciação, serem denominadas de *pré-lógicas*. Mas não como se o pré-lógico fosse uma

²² Em minha pesquisa, não identifiquei nenhuma iconografia de boitatá nos manuais de folclore que acompanhasse a narrativa verbal, antes dos desenhos de Cascaes.

Pensar com os mitos. Sobre ecologia nos boitatás de Franklin Cascaes
 Maria Bernardete Ramos Flores

espécie de etapa anterior no tempo ao pensamento lógico, apenas quer dizer que não obedecem ao mesmo pensamento que chamamos de racional²³.

Cascaes, dotado do poder de pensar com os mitos, faz reviver narrativas míticas, lembrando aqui o conceito *Nachleben*, na acepção warburguiana (WARBURG, 2013). Cascaes cria personagens boitatarinas, dá voz e vida a elas, lhes dá histórias, personalidade, temperamento. Elas são criaturas voluntariosas, odeiam e amam, sofrem a solidão e se angustiam diante de um mundo que se desfaz, e elas têm o poder de pensamento. Seria o boitatá o *alter ego* do artista folclorista? Ou seria um ventríloquo? Muitos textos escritos nos desenhos de boitatás parecem solilóquios. Ou o boitatá seria o desejo de metamorfose do homem chamado Joaquin Franklin Cascaes? Vejamos o exemplo do *Boitatá Franculino* (Figura 11).

Figura 11 – *Boitatá Franculino*.



Fonte: Coleção Elisabeth Pavan Cascaes. MARquE.
 Tombo: 666.

Franculino era o nome pelo qual o autor era conhecido pelos moradores do interior da Ilha. Ele era o Seo Franculino. O *Boitatá Franculino* aproxima-se da aparência de um dragão alado. A sua atitude é de fúria. Parece cobra, mas possui duas asas que o sustentam no ar e uma cabeça proeminente com dois chifres.

²³ Maffesoli (1984, p. 65-67) argumenta que, na Modernidade, em face de uma gestão da existência que é, sobretudo, linear, planificada, cheia de sentido racional, há um processo imaginal, ficcional, fantástico, que introduz descontinuidades e acentua o presente vivido.

De seu lombo, saem labaredas de fogo, símbolo da Mboi-tatá (cobra de fogo). Como está de perfil, vemos apenas um olho, que parece saltar da órbita. Uma abertura profunda, oval, na parte inferior da cabeça, faz a vez da boca do animal. Está muito escancarada. Temos a impressão de que ouvimos um berro ameaçador.

Cascaes trata, principalmente, de três grandes entes fantásticos: o boitatá, a bruxa e o lobisomem. Minha pesquisa não se debruçou sobre os três com a mesma dedicação que dei ao boitatá. Mas talvez pudéssemos fazer ilações e supor que Cascaes não quisesse travestir-se no corpo da bruxa por ser um ente feminino. O lobisomem, figura libidinosa, não faria o gênero que se adaptasse ao perfil de Cascaes, católico conservador. O certo é que, para desempenhar o papel de porta-voz do artista, crítico da exploração predatória da natureza, a figura escolhida foi a do boitatá, que, na mitologia, castiga a quem incendeia os campos.

Podemos fazer ilações e perguntar se ele próprio não se sentia integrado ao mito do boitatá, mediante uma mistura de homem com animal? Sobre o esboço do *Boitatá Crespo*, de 1962, ele escreve: “Eu aprecio boitatá / E até dedico-lhe amizade / Por ser partícula de mim / Em combustão e eletricidade” (CASCAES, 1973?, Desenho: Tombo: 664). Seus entes mitológicos são sempre essa mistura inseparável entre o que é natureza e o que é espiritual ou pensamento. Talvez Cascaes acreditasse que todos somos “natureza”, Natureza/Cultura²⁴.

Síntese mística de duas naturezas: humana e animal. [...] o lobisomem é uma criatura híbrida metade cão e metade homem. [...] creio que a bruxa na sua realidade objetiva possuía um corpo humano que se transmuda por força da vontade de um pensamento (CASCAES, 1960?, Pasta 16, folha 411)

Segundo Cláudia L. Costa e Susana B. Funk, no Antropoceno, quando os seres humanos se tornaram uma força não apenas biológica, mas, sobretudo, geológica, surge o debate sobre o entrelaçamento entre as cronologias humanas

²⁴ Latour (2020, p. 65) sugere introduzir uma oposição não mais entre natureza e cultura, mas, sim, entre a Natureza/Cultura de um lado, e um termo que as resumiria, de outro, a uma coisa só, a um *mundo* ou a um “fazer mundo”, definido, de um modo muito especulativo, como aquilo que abre para a multiplicidade dos *existentes*, e, também, para a *multiplicidade* dos modos que eles têm de existir.

e não humanas, entre o tempo humano e o tempo da natureza, ensejando novas epistemologias para pensar o ser humano como uma espécie entre espécies. Para muitas teóricas feministas, isso não é novidade, pois “estamos sempre já emaranhadas com outras espécies/materialidades (como nos lembra Haraway, somos multiespécies)” (COSTA; FUNK, 2017, p. 904).

Notas finais

... seus filhos não terão lugar para viver felizes. Vão pensar que a seus pais de fato faltava inteligência, já que só terão deixado para eles uma terra nua e queimada, impregnada de fumaça de epidemia e contada por rios de água suja! (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 480)

Jeane Marie Gagnebin, no texto “Mito e culpa nos escritos de juventude de Walter Benjamin”, começa mostrando que Adorno e Horkheimer, na *Dialética do Esclarecimento*, oscilam ao tratar da concepção de mito e de mitologia: de um lado, seguindo uma concepção linear cronológica do desenvolvimento histórico, o mito designaria uma forma de pensamento anterior à racionalidade; de outro, o mítico assinalaria um fundo de crueldade ancestral que nenhum progresso histórico consegue erradicar. “Essa oscilação entre uma determinação cronológica e uma determinação que podemos chamar de metafísica não ajuda a entender sua concepção de mito, tão essencial para a crítica da razão instrumental e para a análise do antissemitismo” (GAGNEBIN, 2014, p. 52).

Segundo Gagnebin (2014, p. 51), ambos não consideraram as novas análises da antropologia pós-estruturalista, presentes já à época da *Dialética do Esclarecimento*, que reconheciam, em termos gerais, uma racionalidade específica nas narrativas e nos rituais míticos. Adorno e Horkheimer retomaram não somente “a visada messiânica da filosofia da história das famosas ‘teses’ de Walter Benjamin, mas também uma concepção de mito profundamente metafísica que atravessa os textos de juventude” (GAGNEBIN, 2014, p. 52) do filósofo alemão, isto é, seus ensaios de crítica literária, especialmente o ensaio sobre *As afinidades eletivas* de Goethe, são textos carregados de visão kantiana que, para Gagnebin (2014, p. 52), na reflexão de Benjamin sobre a história e o mito, este se opõe não tanto ao *logos* (como na filosofia grega), mas à história, como advento da responsabilidade e liberdade humanas.

Como vimos, a história, mais empiricamente sentida do que conceitualmente elaborada, significava para Cascaes o tempo da destruição tanto de seu mundo tradicional, quanto da beleza natural da Ilha de Santa Catarina e seu ecossistema. A recriação da mitosfera em arte funciona como metáfora da recriação do antigo *habitat* natural/cultural. Cascaes desenha aproximadamente 30 boitatás – entre estudos (no grafite) e obra acabada (no bico-de-pena) –, que configuram a cartografia do repovoamento mitológico. Cada figura ocupa um ponto estratégico de defesa da ecologia; cada indivíduo tem nome próprio, personalidade e temperamento, fisiologia e humor, vontade e pensamento. São seres orgânicos, como orgânica é a “natureza”. Na liberdade de criar formas, Cascaes dá, aos entes fantásticos, os boitatás, iconografias andro-zoo-fito-mórficas (mistura de elementos humanos, animais e vegetais, às vezes, até coisas inanimadas). Com essa nova natureza, são seres disformes, abertos a novas invenções.

De acordo com Morin (1994, p. 175), o pensamento mitológico ordena sua visão de homem, de natureza e de mundo a partir de um paradigma antropo-sócio-cosmológico de inclusão recíproca e analógica entre a esfera humana e a esfera natural ou cósmica. Isso significa que o universo dispõe de caracteres antropomorfos e o humano, reciprocamente, de caracteres cosmomorfos, ou seja, as pedras, as montanhas e os rios são biomorfos ou antropomorfos, e o universo está povoado de espíritos, gênios e deuses que estão em todas as coisas ou por trás de todas as coisas. Reciprocamente, o ser humano pode sentir-se da mesma natureza que as plantas e os animais, comerciar com eles, metamorfosear-se neles, ser habitado ou possuído pelas forças da “natureza”.

É com essa concepção de mundo que podemos entender que, para os Krenak, a morte do Rio Doce, o *Watu*, é a morte de um ancestral, de um avô, de um parente de toda a aldeia, não só de uma família, como disse Ailton Krenak (2020). Ativista das causas indígenas e ambientalista, Krenak (2019, p.23) nos alerta: o Antropoceno deveria soar como um alarme em nossas cabeças. Se a exploração pesada da Terra chega a caracterizar uma era de exaustão das fontes de vida, corremos o risco de construir uma humanidade de exclusão de todas as outras possíveis humanidades e de todos os outros seres que habitam o planeta.

Diante desse risco, o professor José Augusto Pádua, especialista em história ambiental, propõe pensarmos em um Antropoceno. “O conflito coletivo da humanidade com o Planeta [...] é uma realidade nova e um desafio que nos coloca na encruzilhada da nossa própria história”. Precisamos de uma nova política que dê um salto de qualidade e “se revele digna dos desafios éticos que o viver no Antropoceno apresenta para toda a humanidade” (PÁDUA, 2020).

Cascaes, em sua saga ficcional na humanização do mito e mitologização do humano, criou em metáfora a mitosfera ilha, na crença de reviver o tempo em que se conversava com as estrelas, com as árvores, com os rios e com os mangues. O tempo em que os animais falavam e os mitos se comportavam como gente. Dá para sentir uma agitação pulsante em nossos corações diante desse gênio infantil imaginando uma espécie de “ecologia cosmológica”? Para os yanomamis, a ecologia são os humanos, os animais, as árvores, os rios, os peixes, o céu, a chuva, o vento e o sol. “É tudo o que veio à existência da floresta [...]” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p.480). Será que, ao chorarmos a morte do Rio Doce como se fosse a morte de um parente, nosso corpo não estaria habitando um universo, onde todas as coisas e todos os seres se inter-relacionam, sem distinção entre humanos e não-humanos? Parece que esse foi o sonho de Franklin Cascaes.

Referências

- ARAÚJO, Adalice Maria de. **Mito e magia na arte catarinense**. Florianópolis: Estado de Santa Catarina: Secretaria de Educação e Cultura, 1977.
- BASTOS, Ângela. Erosão na Praia da Armação pode provocar salinização da Lagoa do Peri. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 28 maio 2010. Disponível em: <https://peixesrecifaisdesc.wordpress.com/2010/05/29/erosao-na-praia-da-armacao-pode-provocar-salinizacao-da-lagoa-do-peri/>. Acesso em: 28 maio 2020.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. /n: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. v. 1. p. 114-119.
- BERGAMÍN, José. **A arte do birbilhoque/a decadência do analfabetismo**. Trad. Gênese de Andrade. São Paulo: Hedra, 2012.
- BERNARDO, Luiz Miguel. **História da luz e das cores**. Porto: Editora UP, 2009. v. 1.

CAILLOIS, Roger. **El mito y el hombre**. Trad. Jorge Ferreiro. México: Fondo de Cultura Económica, 1993. p. 9.

CAPELA, Marciano. **Las núpcias de filología y mercúrio. Las bodas místicas**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2016. v. I.

CASCAES, Franklin J. In: LUZ, J. L. **Transcrição de entrevista de Franklin Joaquin Cascaes a Gelci José Coelho**. 1996. Relatório de Estágio –Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

CASCAES, Franklin J. **Vida e arte: entrevista concedidas e textos organizados por Raimundo Caruso**. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1989.

CASCAES, Franklin. **Caderno 1**. [Florianópolis: *s.n.*], 1961.

CASCAES, Franklin. **Caderno 17**. [Florianópolis: *s.n.*], 1961.

CASCAES, Franklin. **Caderno 40**. [Florianópolis: *s.n.*], 1961.

CASCAES, Franklin. **Caderno 52**. [Florianópolis: *s.n.*], 1958.

CASCAES, Franklin. **Caderno 60**, [Florianópolis: *s.n.*], 1958?.

CASCAES, Franklin. **Caderno 67**. [Florianópolis: *s.n.*], 1970?.

CASCAES, Franklin. **Caderno 86**. [Florianópolis: *s.n.*], 1970?.

CASCAES, Franklin. Pasta 3, Folha avulsa 219. [Florianópolis: *s.n.*], 1972.

CASCAES, Franklin. Pasta 4, Folha avulsa 150. [Florianópolis: *s.n.*], 1970?.

CASCAES, Franklin. Pasta 9, Folha avulsa 258. [Florianópolis: *s.n.*], 1970?.

CASCAES, Franklin. Pasta 9, Folha avulsa 237. [Florianópolis: *s.n.*], 1974.

CASCAES, Franklin. Pasta 10, Folha avulsa 270. [Florianópolis: *s.n.*], 1973.

CASCAES, Franklin. Pasta 10, Folha avulsa 275. [Florianópolis: *s.n.*], 1970?.

CASCAES, Franklin. Pasta 16, Folha avulsa 411. [Florianópolis: *s.n.*], 1960?.

CASCAES, Franklin. Pasta 9, Folha avulsa 237. [Florianópolis: *s.n.*], 1974.

CASCAES, Franklin. Pasta 16, Folha avulsa 13. [Florianópolis: *s.n.*], 1970.

CASCUDO, Luís da Câmara. Boitata. In: **Dicionário do Folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954. v. 1, p. 108-109

CASTELLANO, Cristina. Breves notas sobre a biografia de uma coleção. *In*: GRAIPEL Jr., Hermes J. **Franklin Cascaes: outros olhares**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2011. p. 87-116.

Pensar com os mitos. Sobre ecologia nos boitatás de Franklin Cascaes
Maria Bernardete Ramos Flores

CIDADE, Daniela Mendes. Cicatrizes na paisagem: o trabalho de Cláudia Zimmer entre o olhar e o lugar. **Estúdio**, Lisboa, v. 8, n. 18, jun. 2017. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1647-61582017000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 maio 2020.

COSTA, Cláudia Lima; FUNCK, Susana Bornéo. O antropoceno, o pós-humano e o novo materialismo: intervenções feministas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 903-907, mar./ago. 2017.

DIEGUES, Antonio Carlos. **O mito da natureza intocada**. São Paulo: Nupaub: Hucitec, 2008.

ELIADE, Mircea. **O mito do eterno retorno**. Trad. Manuela Torres. Lisboa: Edições 70, 1985.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. Trad. Maria Andozinda Oliveira Soares. Lisboa: Arcádia, 1979. p. 70.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2016.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. Se me deixam falar. *In*: A FARRA DO BOI: palavras, sentidos, ficção. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007. p. 143-160.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Homens que gostam de fingir que são cães andam em matilhas em São Francisco**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/05/homens-que-gostam-de-fingir-que-sao-caes-andam-em-matilhas-em-san-francisco.shtml>. Acesso em: 21 dez. 2020.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin**. São Paulo: Editora 34, 2014.

HUR, José Ben. **Acréscimo de marinha e planejamento urbano: estudo de caso do aterro da Via Expressa Sul**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

IGOR, Renato. Prefeitura de Florianópolis dá 180 dias para Casan parar captação na Lagoa do Peri. **NSC total**, [Florianópolis], 14 set. 2020. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/colunistas/renato-igor/prefeitura-de-florianopolis-da-180-dias-para-casan-parar-captacao-na-lagoa>. Acesso em: 21 dez. 2020.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. A vida das famílias foi atropelada há cinco anos, diz Ailton Krenak sobre desastre no rio Doce. **Folha uol**, [s.l.], 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/10/a-vida-das-familias-foi->

Pensar com os mitos. Sobre ecologia nos boitatás de Franklin Cascaes
Maria Bernardete Ramos Flores

atropelada-ha-cinco-anos-diz-ailton-krenak-sobre-desastre-no-rio-doce.shtml.
 Acesso em: 23 nov. 2020.

LATOURE, Bruno. **Diante de Gaia**. Trad. de Maryalua Meyer. São Paulo: UBU, 2020.

LÉVY-BRUHL, Lucien. **La mentalidad primitiva**. Trad. de Gregorio Weiberg.
 Buenos Aires: Ediciones Leviatán, 1957.

LÉVY-STRAUSS, Claude e ERIBON, Didier. **De perto e de longe**. Trad. Léa Mello e
 Julieta Leite. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Trad. Márcia Cavalcante. Rio de
 Janeiro: Rocco, 1984.

MAGALHÃES, Couto de. **O selvagem**. Curso de língua geral segundo Ollendorf (1ª
 parte)/ Origens, costumes, região selvagem (2ª parte). Rio de Janeiro:
 Typographia da Reforma, 1876.

MITÓLOGO. In: **Dicionário Grego-português**: DGP. 2. ed. São Paulo: Ateliê
 Editorial, 2010. p. 185.

MORIN, Edgar. **El método III: el conocimiento del conocimiento**. Trad. Ana
 Sánchez y Dora Sánchez García. Madrid: Cátedra, 1994.

PÁDUA, José Augusto. **Vivendo no Antropoceno**: incertezas, riscos e
 oportunidades. [S.l.: Museu do Amanhã, 20--]. Disponível em:
<https://museudoamanha.org.br/livro/10-vivendo-no-antropoceno.html>. Acesso
 em: 29 maio 2020.

PATTANAIK, Devdutt. **Mitologias Hindu**: cuentos, símbolos, rituales. Buenos Aires:
 Kier, 2006.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação
 intelectual. Trad. Lilian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. 3. ed. São Paulo: Global, 2015.

ROSA, Edson. História de Florianópolis: caieiras eram fornos que transformaram
 sambaquis em cal. **Jornal NDmais**, [Florianópolis], 18 out. 2015. Disponível em:
<https://ndmais.com.br/noticias/historia-de-florianopolis-caieiras-eram-fornos-que-transformaram-sambaquis-em-cal/>. Acesso em: 25 maio 2020.

ROSA, Edson. Mesmo com barreira de pedras na Armação, mar avança no
 Morro das Pedras e ameaça Lagoa do Peri. **Jornal NDmais**, [Florianópolis],
 Sessão Cidade, 24 set. 2014. Disponível em:
<https://ndmais.com.br/noticias/mesmo-com-barreira-de-pedras-na-armacao-mar-avanca-no-morro-das-pedras-e-ameaca-lagoa-do-peri/>. Acesso em: 20
 maio 2020.

Pensar com os mitos. Sobre ecologia nos boitatás de Franklin Cascaes
Maria Bernardete Ramos Flores

SANTOS, Paulo César dos. **Espaço e memória**: o aterro da Baía Sul e o desencontro marítimo de Florianópolis. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

TORRES, Aline. O Sumiço do Berbigão, o molusco que é sucesso no litoral de SC e corre risco de extinção. **Gazeta do Povo**, [s.l.], Sessão Bom Gourmet. 26 mar. 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/bomgourmet/produtos-ingredientes/berbigao-o-molusco-que-e-sucesso-no-litoral-de-sc-e-corre-risco-de-extincao/>. Acesso em: 20 maio 2020.

TURIN, Rodrigo. **Tempos precários**: aceleração, historicidade e semântica neoliberal. Copenhague: Zazie Edições, 2019.

VÁRZEA, Virgílio. **A Ilha**. Florianópolis: Lunardelli, 1985.

WARBURG, Aby. **A renovação da Antiguidade pagã**. Trad. Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.